



O Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º 200
Preço 1\$00

UMA CARTA

É de Lisboa, de dois pecadores. Gosto deste qualificativo, se e quando ditado por contrição. Esta sorte de pecadores, fazem violência à Misericórdia de Deus e são menina dos olhos. Ei-la:

«Fiz hoje dois anos de casado. Graças a Deus tenho sido feliz neste curto espaço de tempo.

Eu e minha mulher somos trabalhadores. Auxiliamo nos mutuamente para que a carga não pese só para um lado, e para que saboreemos de igual modo o pão nosso de cada dia.

No dia de hoje não podemos esquecer a obra. Ela empolga-nos; Ela nos abraza com a sua doutrina e elevação. É por Ela que nós verificamos ser exacta a doutrina do Evangelho. Nela vemos o Semeador, o Bom Pastor, o grão da mostarda, que sendo a mais pequenina das sementes pode estender os seus braços até ao céu!

Assim há-de ser a obra! E obra de Deus.

Nós somos pobres! Mandamos essa insignificância para a obra. Não queremos escrever que seja para isto ou para aquilo, para casas ou para o Barredo; para remédios ou para as Conferências! Tudo é belo, tudo é sublime! É a obra. É para a obra que nós mandamos e temos pena de não podermos dar muito mais!

Padre Américo, eu leio sempre o Gaiato, e leio sempre com avidez! Sinto as alegrias e a doutrina que ele dimana e às vezes também as tristezas! Gosto dos relatos do Avelino ou de qualquer outro, mas não quero assinar o Gaiato! Quero sim comprá-lo a um gaiato cada vez que ele sair! É que eu ainda não vi a obra, não entrei nas suas casas, nem pisei pó ou o asfalto das suas ruas e avenidas. Mas eu vejo a obra, eu sinto toda a sua grandeza cada vez que vejo um gaiato! Por isso que não se zangue comigo o esforçado obreiro dos 50.000. Eu compro sempre, e às vezes mais do que uma vez o mesmo número! Padre Américo! eu sou algarvio e o Algarve nunca aparece nas colunas do Gaiato, porquê? Há lá bons corações, bons campos para a sementeira, e por ventura bons obreiros, por que não acodem à chamada? Eu gostaria que o Algarve soubesse da vossa obra, que a conhecesse, e por ventura, que, um dia, a sentisse e colhesse dos seus frutos. Ide Pai Américo, ao Algarve, terra de Portugal e de boa gente. Lançai também lá a semente do resgate, da salvação da sociedade, pela vossa magnífica obra.

Com o pedido de orações pelos nossos pecados.

Dois pecadores,»



O Carlos Inácio do Lar de S. João da Madeira.

«O Pai Américo atirou-me sózinho para S. João da Madeira, a cuidar de vinte rapazes e eu sou obrigado a dar conta!»



O Carlos Gonçalves, do Lar do Porto.

«Os rapazes da minha idade que, podendo, não se quiserem dar à Obra, são parasitas. Devem retirar-se.»



O Júlio Gomes, de Paço de Sousa.

«Sou mais novo do que muitos dos meus companheiros, mas o lugar que me deram obriga-me a ser o mais velho.»

UMA INAUGURAÇÃO

Nós somos a obra das inaugurações. Estive há dias no Tojal e Padre Adriano inaugurou os estábulos dos bois. Estive, a seguir, em Miranda e Padre Horácio faz o mesmo com um refeitório. Aquí, foi a residência dos mais crescidos. É a pujança.

Não se trata de uma casa de raiz; é uma adaptação. A antiga casa um da aldeia, é hoje uma alegre vivenda com doze quartos, sala de jogos, biblioteca e um jardim com seu repuxo. Ali vivem doze. Outras conversas. Outras leituras. O cigarrito. Outras responsabilidades. Elessabem como conduzir-se. Eles sabem que não o fazendo, deixam imediatamente aquela regalia.

Houve uma sessão, a que se não pode naturalmente chamar de circunstância, pela modéstia de tudo e de todos. Mas verdadeira sim. Falaram os rapazes. Vai aqui o friso deles. Cada um disse o que sentia e isso é a beleza. Discursos falados, são uma voz. Escritos, são papel e tinta. Sentidos, comovem. Eis.



O Roçael, chefe do Tojal.

«Eu só tenho dezasseis anos, mas já conheço os trabalhos de quem está à frente.»



O Júlio Mendes.

«Tenho vinte rapazes na tipografia só recebe salário quem for digno.»



O Engenheiro Galamba, futuro Padre da Rua.

«Tenho estado no meio de vós como quem observa; e muito tenho observado.»

Agora

A' frente vai o pendão; são doze deles. É a quarta do Cavalheiro do Porto que se propôs construir cinco. É um anónimo. Que eloquencial Vai um do Porto com 100\$. Vai um transmontano com 36\$. Uma das Caldas leva na mão uma telha de 20\$. Logo atrás vai a Maria com outra de 100\$, do meu primeiro ordenado. O menino Manuel Joaquim, enfileira com 50\$. Um fumador de Braga paga 20\$ de quatro semanas. Uma Alentejana vai com 1 000\$ de pregos. A Zaida vai com 300\$; veio da Beira; cidade da Beira, aonde se morre de calor quando aqui faz inverno. O José Dias de Vila Nova de Gaia, quis fazer os seus 85 na procissão e vai com 40\$. Cautela. Levamos crianças. Levamos velhos. Nada de atropelar. Um engenheiro do Porto, vai com a planta de uma casa e 100\$. A Maria atribulada torna com 20\$. A Olinda vai com 50\$. Vão dois noivos com 50\$ cada um, dum aumento de ordenado numa só nota porque nós os dois também fazemos um só. Cautela. Deixem passar estes noivos. Oçam e reparem e guardem no peito a sua doutrina; ela é do Mestre. Vai a escola de Paredes com 20\$. Torres Novas a enfileirar com 150\$. A Maria Fernanda de Tomar, leva uma telha de 20\$. Ao pé vai um teijolo da mesma quantia. Um fumador de Lisboa vai com 5\$. Gostaria de publicar a carta deste moço, que se chama a si mesmo um pecador como tantos, mas o espaço não dá. Do Porto 100\$. Sim senhor; celebrei. Leiria leva uma fechadura de 20\$. Angola, um par de dobradiças de cem angolares Aveiro leva uma telha de 20\$ e o Porto uma pedra de 50\$. Braga vai com 20\$, de pregos. Ora retirem-se um nadinha e deixem passar; é um grupo de fumadores de Miranda do Corvo com 170\$. A gente pasmal a fechar, vão dois irmãos da cidade da Beira, com mil escudos cada; queremos que a nossa alegria, ao dar, seja semelhante à do pobre, em receber.

DIVULGAI O «GAIATO» ANGARIANDO NOVOS ASSINANTES

Recebemos até à data 214 contos

DOCTRINA

Valia a pena, assim como quem faz um congresso, provocar uma reunião de homens sérios, que trabalhem e queiram acertar em matéria de assistência social cristã; por quanto se me afigura que neste capítulo há muito que reformar. Isto de empurrar as crianças para asilos e para reformatórios e até para as Casas do Gaiato, pode ser o mais fácil, mas não é o mais proveitoso. Eu antes preferia que se tentasse o auxílio à família. Falando das nossas comunidades, eu posso declarar muitos casos de famílias com capacidade moral para tomarem conta e educar os seus filhos no meio familiar. Eu mesmo, que sou testemunha do que digo, das nossas escolas, estou dando pequeninos substitutos a certas famílias, aonde o infortúnio entrou e para que a miséria não entre. Desta sorte, dá-se à mãe o que lhe pertence: a posse total do seu filho. Não digo todos, mas um grande número de casos do chamado interado, porém e deviam ser resolvidos assim. Era mais humano. Era menos dispendioso. Não havia a crueldade de separar a carne da carne!

Congresso não. Mas uma reunião séria de trespassados por esta dor, isso sim. Aonde e quando não importa; é sempre tempo. Não importa lugar. Mas que seja!

Vale a pena estudar, até pelo lado económico, se não ficaria mais barato à Nação colocar o rapaz no seio da sua família, do que deslocá-lo para o internato. Sabemos que muitas são famílias perdidas, mas muitas não. Isto seria, justamente, o objecto de estudos preliminares, se verdadeiramente estamos dispostos a fazer assistência verdadeira.

Uma visitadora qualificada e as verbas necessárias atrás dela, podiam fazer muito no lar dos infelizes. Era questão de menos perguntas, menos papel, menos demoras, e o dinheiro preciso. Uma visitadora assim munida, adquiria imediatamente a confiança daquelle lar. Reformava costumes. Comuñha vidas. Era obedecida. O subsídio dava-lhe uma racional autoridade no núcleo familiar. Exemplo: era uma família de nove filhos. O pai trabalhava todos os dias da semana, menos o primeiro; a segunda feira era um dia perdido. Quanta desordem! Eu intervenho. Garanto um ano de serviço, com chuva ou sol, se o homem respeitar o seu trabalho. São nove filhos. O homem escuta e promete. A principio claudicava. Tinha de o fazer. Não se travava de repente as velocidades. Mas hoje não. Hoje facilmente não. Ele cumbie e eu cumpro. Há pão e alegria naquela casa.

Mesmo naquelas famílias descompontas e despejadas, aonde parece nada se poder, mesmo nessas, e até porque despejadas, pode fazer-se muito.

Uma visitadora qualificada, um subsídio pronto e o meio será nisso. Se todos nós pregamos a família e a colocamos na cabeça de tudo, porque é que não fazemos?

Foi neste pardieiro que teve início a primeira Colónia de Férias do Garoto da Baixa, em Agosto de 1932, de onde saiu o que ora se chama e é a Obra da Rua.

Propositadamente, fui ali com alguns dos nossos chefes, em Setembro último. Um deles foi até o operador fotográfico. Eles viram o berço; o berço de um grandioso pensamento.

Da que nós necessitamos

Depois que o episódio da doente do Sanatório de Coimbra se tornou público, quantas cartas não tenho eu recebido de doentes pulmonares; quantas e quantas e quantas! Já sabia de muito, sim, mas tanto não! Quanto se gemel! Quantos tombam, des necessariamente! Quão pouco fazemos nós por eles! Aqui há tempos vivia algures, na nossa terra, uma senhora estrangeira, doente pulmonar, que de maneira nenhuma desejava regressar à sua pátria por saber que a lei obriga a internamento. Ela tinha uma filha; a separação era-lhe penosa. Por fim resolveu embarcar e escreve de um sanatório: *por causa da minha dor moral deram-me o melhor quarto e um pequenino jardim à minha conta, aonde cultivo flores.* A sim, sim. Eu cá tenho que a saúde do povo deve ser a lei suprema. Mas se fora e acima dessa lei, existe um jardim com flores para ajudar aos que sofrem, temos a Caridade.

Deram-me para um café; mandado aqui para leite do Gaiato 20\$. Mais 100\$ de Coimbra. Mais ou-

CASAS

Ontem de tarde, fui dar uma volta pelo sítio aonde elas estão subindo. A primeira que visitei, dista a uns quilómetros daqui. Tenho devoção de entregar a chave desta no próximo dia oito de Novembro. Acabaram os pedreiros. Está na mão de carpinteiros. A telha estava ao pé. Tenho esperanças de cumprir. Esta casa tem uma boa horta e é de três aposentos.

Dali tomei rumo para um outeiro, aonde me deram três hectares e neles estão subindo seis delas; uma de quatro aposentos, duas de três e três de dois. Nada igual. Também neste sítio cada habitação fica com largo espaço para horta e jardim. Sem sair do meu caminho e a dois quilómetros de distancia, fui ver o andamento da casa do Xai-xai. Esta é de três aposentos e também tem sua horta. O povo agora dá. Depois que viram sete casas erguidas e ocupadas, eles mesmo compreendem que a horta é necessária. A casa do Xai-xai está nas telhas. Dali, por outro caminho, dirigi-me a um lugar aonde estão duas delas já em mãos de carpinteiro. Uma é de três outra de dois aposentos. Nada igual. As estrelas também não são: tamanho, distância, brilho—cada uma é uma. E como a o dia fosse para a romaria, marcaram-se sítios para mais três. Eu cá informo os leitores das minhas actividades. Os padres de Coimbra e de Lisboa façam na mesma.

tro tanto do assinante 7632. Mais 20\$00 de Braga. Mais 10\$ para os pobres do Barredo. Sim; rezei por alma da Isabel Soares.

Mais 20\$ do Porto para o concurso. Mais 100\$ para os pobres do Barredo. Mais 20\$ de Uma Doente. As maiúsculas são da própria. Mais 50\$ de Vizela, de uma avó de cabeça branca. Mais o dobro do Porto. Mais o costumeado carregamento de coisas e loisas, retirado do *Espelho da Moda*.

Mais no domingo passado um Mercury dos grandes, aonde vinha um casal e o espaço de passageiros era totalmente e plenamente ocupado por tecidos de Guimarães! Uma folha de papel de 35 linhas, dizia os nomes e as quantidades e as qualidades. Tudo no superlativo. Tudo obra de um Vimaranesense, que se propôs sair de sua casa e pedir. Deus lhe acrecente. Mais uma saia para a do feixe da Lenha. Vai para a filha; ela faleceu!

Mais mil escudos de Lisboa; é uma anónima. Todas as pessoas que nos ajudam, são assim. Desde a primeira hora que a nossa obra nasceu tem sido e há-de ser. Mais 20\$. Mais 50 cruzeiros do Rio. Eu gosto destas migalhinhas estrangeiras; em regra, estas quantias, por pequenas, representam grandes valores morais, e isto é que vale. Mais 50\$ de uma Maria de Coimbra. Mais mil de um visitante de Barcelos para os pobres do Barredo. Mais uma mãe amargurada. Mais mil de um visitante de Barcelos para a Casa do Gaiato. Sim, senhora; recebemos o dinheiro para a nossa Conferência. Fique descansada a Maria Leonor. Descansadinha. Tudo quanto seja expedido para a Casa do Gaiato, cá vem dar, não importa porque via. Estamos fartos de dizer isto; porém, vive-se em tamanho medo e com tal desconfiança, que muitos não querem acreditar! Mais uma dúzia de pentes de Oliveira do Hospital. Em boa maré vieram. Já são muitos que usam «risca». Mais 500\$ de uma assinante. Mais 50\$ de uma vizinha do Marão. Mais de Fanalicão 100\$. Mais do Caramulo, em cumprimento duma promessa 100\$. Mais 20\$ de alguém que necessita de paz de espírito. A paz encontra-se dentro de nós; olhe que é assim mesmo. Olhe que não é fora. Mais um facto usado.

Mais 20\$00 de Tomar. Mais de um grupo desportivo 27\$. Ao Amilca digo que sim. Mais 100\$ do Porto. Mais 200\$ da Camara de Lobos. Mais 20\$ de Oliveira de Azemeis. Mais 650\$ entregues no Lar do Porto. Mais 50\$. Mais outro tanto de Lisboa. Mais 20\$ de Lisboa. Mais 5 000\$ em Lisboa. Mais 100\$ de uma enfermeira do Porto. Mais 20\$ da Maria Jacinto. Mais de S. V. 100\$. Mais outro tanto de Torres Novas. Mais 100\$ da cidade da Bira para a tuberculosa. Mais 250\$ de Lisboa. Mais outra vez da cidade da Bira 50\$. Ao assinante 8066 digo que sim. Ainda a cidade da Beira 100\$. As províncias ultramarinas, em matéria de O Gaiato, identificam-se. Confundem-se. Não há cá nem lá. Assim fosse em matéria administrativa... Há mais de seis meses que eu ando a mexer-me para mandar um rapaz para Luanda! Do grupo «Os oito» 120\$. A Maria do Porto 100\$ e pergunta como vai a doente.

O LINHO

Raro tem sido o ano que o não semeamos, desde que tomamos conta desta quinta hoje nossa. O linho vem muito depressa; em três meses colhe-se. Mas dá muito que fazer até que se ordene a teia. É um trabalho cheio de riqueza e de formosura; e tem século; de tradição. Agora, que alguns dos nossos Raros devem ocupar-se com a grave questão do seu casamento, também eu me quero ocupar do pequenino bragal de cada um. É tudo salutar. É tudo humano. É tudo lucro. Algumas ocupantes do Património dos Pobres podem ser vistas a espadelar linho, que depois hão-de fiar. Aqui da nossa aldeia, ouve-se actualmente a pancada das espadelas. A paga deste trabalho humilde é cheia de beleza; meia rasa e milho, um covilhete de feijões e uma adubadela. Vem a meada num cestinho e o cestinho leva a paga. De sorte que, as dezenas de casinhas do Património, estão dando eficazmente o pão da boca aos operários; e também o dão aos pobres que ali moram—É o linho!

Ontem chegaram da tecedeira algumas peças dele, entre as quais viham muitas varas de toalhas e guardanapos. Vara, é medida que elas usam e por ela fazem o seu seu preço.

Havia três desenhos diferentes. É impossível dizer-se qual deles é o mais lindo, de tão lindos que eles são! Mas há outra coisa mais sublime; juntamente com as teias, a tecedeira faz entrega das aparas e dos bugalhos! A tecedeira devolve os bugalhos que serviram aos novelos! Isto é um acto de culto. Culto interior à honestidade. Eu fui pessoalmente a casa da tecedeira para gozar. Trabalham mãe e filha cada uma no seu tear. Muito alegre, muito airosa, a mãe, que é viúva, declarou que é dos antigos o costume de entregar ao freguês cadilhos e bugalhos. Também dos antigos ela tem os preços que faz ao trabalho; contenta-se com a adubadela! A filha estava ao pé. Há-de seguramente usar e passar aos seus, as regras da sua mãe. É o linho! O linho tem em si o segredo da pobreza. Eu tenho trabalhado muito e quero ir até ao fim; quero implantar de novo. Restaurar o perdido. Introduzir o linho nas casas, mais os seus costumes. É o linho. O corpo de Jesus foi envolto num lençol de linho!

Aqui deixo as minhas saudações à nobre e desconhecida tecedeira.

TRABALHO

S'im senhor. O que não tem vindo e de que terras, desde que Júlio fez o apelo! Incrível!! Nós estamos nas grandes cidades e todas as províncias do Império! Os fregueses arredondam, ao pagar: o que sobra é para os pobres. Tecem elogios ao serviço. Se Júlio dá bote, eles desculpa e pedem desculpa! Incrível!! A força da Verdade! A revolução da Verdade! O entusiasmo, o cachão, o espreitar das almas!

Em matéria de confiança, estamos já colhendo o fruto da doutrina de O Gaiato. Exemplo: um freguês manda a encomenda e o modelo e um cheque e este avisa: execute até onde o dinheiro chegar!! Júlio senta-se à sua carteira, faz o seu orçamento e executa até onde o dinheiro chega. Aonde e que se viu ta!

Sem a nossa confiança. Colhemos confiança. Eis.



AQUI, LISBOA!

A Câmara Municipal de Loures embargou as obras da Casa dos Pobres. Esta é a notícia mais triste que tenho de dar aos nossos leitores, desde que «O Gaiato veio a lume».

A Tia Coxa não cabia em si de alegria desde que os vicentinos lhe deram a notícia de que seria para ela a primeira casa do Património dos Pobres. Tinha razão para se alegrar. Vem de longe o seu calvário. Fazia parte da legião das famílias que vem da província em busca da sorte, em Lisboa.

O marido desempregado, com um rancho de filhos à sua volta, acabou por morrer tuberculoso. A pobre viuva, parálitica dum braço (por isso lhe chamam coxa) impossibilitada de trabalhar, de sustentar os filhos e de pagar renda de casa, foi posta na rua. Esteve aqui no largo da igreja durante algum tempo à chuva do inverno, até que conseguiu aninhar-se com os filhos num recanto do velho palácio do Deão. Alguém lhe deparou uma habitação melhor. Pouco depois estava de novo no largo da igreja, sem abrigo algum. Recolhida, por caridade, noutra dependência deste palácio, foi pela terceira vez posta na rua, ao tempo em que dele fizeram depósito de material de guerra. Condoído, o fúriel que tomava conta, deu-lhe tábuas do forro da igreja com que ela construiu uma barraca onde os nossos rapazes a têm visitado com esmolas semanalmente. Está de novo ameaçada com a rua porque o dono do terreno, em que foi levantada a barraca, o quer vender.

Compreende-se pois a expectativa da Tia Coxa.

Grande era também a nossa alegria por dentro em breve poderemos pôr termo a tão longo martírio.

Mas o inimigo comum dos homens não podia deixar de levantar a mão contra mais uma obra que é de Deus. Das as dificuldades. Elas são o selo.

Eu estava nesse dia em Paço de Sousa. Com que prazer entrei na casinha da tia Mochal... Os leitores do Diário Popular, do dia treze, podem vê-la como eu a vi, «a espadelar o linho na sua nova e airosa casinha». No dia seguinte estive em Miranda do Corvo a percorrer, um por um, os terrenos que o Senhor Presidente da Câmara pessoalmente foi mostrar e oferecer ao Património dos Pobres. «Este s'io dizia, era soberbo para o palácio dum rico, quanto mais para casa dum pobre!»

Quando aqui cheguei o clamor era geral. Vozes de protesto tinham já subido à Câmara e ao Governo Civil. Eu de nada sabia. Nem hoje sei quem foi.

Era a voz da Justiça a bradar aos céus.

Tenho esperado pacientemente para que se faça luz na intelligencia dos homens. Já os vi pegar religiosamente no andor da Virgem Peregrina que anda a percorrer o Concelho. Se neles há sinceridade, é de esperar que não separem o amor de Deus do amor do próximo.

A Câmara vai e vai ajudar. Exige-o a nobreza. Mas não me libertará dum dos maiores desgostos da minha vida.

Padre Adriano

ISTO É A CASA DO GAIATO

Não me faltou medo quando vi ontem o Abel no recreio com uma estrela. Não me faltou, e logo butei sentido a ver onde o mal poderia chegar. Felizmente ficou por ali. Foi só o Abel. O Piolho segurou-se. Avelino também. Nem fio nem papel. Acabaram as estrelas.

*** O Arlindo é o refeiteiro dos médios. O Manuel do embrulho é da mesa dos senhores. O Pombinha é da mesa das senhoras. O Bernardino é da mesa onde eu como mai-lo o Júlio e Avelino. O Gaiato é dos grandes e o Paizinho é dos Batatas. Aqui temos um grupo de fervorosos trabalhadores. Todos cumprem. O pior são as colheres. E' assim: cada um tem o seu lote por conta. Mas às vezes acontece faltar uma a este e ele, em vez de a procurar, vai buscá-la à gaveta do colega. Este reponta. O companheiro nega. Vem as testemunhas. Levanta-se poeira. Tem havido sangue! Eu antes quero este sangue tumultuoso do que o serviço de gente de fora.

*** A nossa vindima foi ontem. A das uvas brancas já tinha sido. O Coimbra partiu para Matzinhos com dinheiro na algibeira, afim de trazer uma caixa de sardinhas. Houve cachos à fatura para todos, nas duas vindimas. Assim tinha de ser. Amor paga-se com amor. Os senhores que vêm aqui ao domingo e que se contam por milhares; estas excursões, digo, muito levam que contar, vendo milhares e milhares de cachos pendentes das nossas ramadas e árvores de toda a fruta, e geiras de melancias e melões e duzentos rapazes à solta e tudo no seu lugar. Muito levam que contar!

*** O Piolho acaçou-me um fato. Outro fato, pois que há bem pouco tempo, tinha tido um. Piolho ensinasse e é difícil dizer que não. Com os companheiros é na mesma; acaça tudo a todos. Até à mesa! Ele senta-se na sua e no seu lugar e depois de comer o seu bocado vai e senta-se noutro. E noutro. E noutro. Vamos a ver quando é que o Piolho amadurece.

*** Vamos aqui intercalar uma nota saborosa. Uma nota construtiva. Todos os meses, em dia certo e determinado, à noitinha, aparecem aqui três sacerdotes. Não se dá notícia prévia. Não se fala no caso. Abre-se a porta da capela e mais nada. Os três sacerdotes, tomam o seu lugar, à espera. Pouco tempo esperam. Eles aí vêm. Das oficinas e dos campos. Marcam todas as suas actividades. Não vêm ao mesmo tempo, que as suas obrigações não lhes dão para isso. Mas no espaço dum três horas, poucos são os que não aparecem. São eles que se mexem e remexem. São eles que encontram dentro de si a necessidade. São eles que se dão à dor. E no dia seguinte de manhã, ainda com estrelas, a nossa capela enche-se! O Abel põe paramentos de festa e vai p-lo calco de ouro. São eles. Há canticos. O Siquim toca. O Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo te guarde para a vida eterna!

*** O Carlitos de Casaldelo, aqui há ten pos, foi pedir ovos não sei a quem e botou uma galinha, de onde nasceram pintainhos que se tornaram galinhas, que puseram ovos, que os chocaram e hoje andam por cá muitas aves conhecidas da malta por galinhas do Carlitos. Este é irmão do Chico das pombas. Os dois ficam-me caros pelo alimento das suas aves.

*** Piolho, foi receber uma conta de trabalhos tipográficos no montante de dois contos. O senhor toma o recibo, paga e estranha que o documento não esteja assinado por mim. Piolho informa. Fulano (eu) não assina recibos. Ele tem a vida dele. Isto

é verdade. Eu tenho a minha vida e, eles a sua. Qual é, pois, aqui dentro, a minha vida? Um deles o disse como vinha em Doutrina, no derradeiro número: V. está no meio de nós para sofrer. Assinar recibos não.

*** São em número de doze os deles que partem todas as quinzenas para a venda do Famoso. Alguns são naturais do Porto e têm por lá suas mães. A cada um se dá recado de não lhes falar nem as receber. Parece que não devia ser assim e, contudo, é necessário que assim seja. Não quero atribuir culpas. Não devo julgar, mas o certo é que, mães têm havido que seduzem os filhos: dá cá dinheiro. E eles dão. Eles são filhos. A venda passada um deles fugiu da mãe. Ela chama e ele foge. Quanto mais ele mais ele. Até que um seu companheiro açode pelo colega e diz à mãe: se quiser ver o seu filho, vá a Paço de Sousa. Aqui não. Não temos licença. Parece crueldade e não; não é. E' defesa.

*** Temos dois Júlios na tipografia. Resolveu-se tratar cada um pelo sobrenome—Mendes e Pereira; e desta sorte, acabaria a confusão. Pois não foi possível. Nenhum aceitou. Ambos querem ser tratados pelo nome de batismo. E vivemos na confusão.

Mas esta é construtiva. E' familiar. Repudiando sobrenomes, eles afirmam a base do nosso sistema. Querem viver em família. Querem que os chamem pelo mesmo nome que sua mãe chamaria, se ainda fosse, ou chamou, quando era Júlio. Nem Pereira nem Mendes. Quanto se não desgostam aqueles que, em lugar de nome, têm um número!

*** Estive na cadeia de uma comarca, de visita a um dos nossos; o qual, depois de ter comido do nosso caldo durante nove anos, resolve sair. Uma vez fora, assalta a casa por duas vezes e instala-se nas cercanias, em franca bigamia! Foi um dos nossos!! Não estamos livres de casos semelhantes. Isto é a Casa do Gaiato. Nem a todos é dado o supremo gozo de sofrer e servir!

*** Acabam de chegar agora mesmo 6 dos onze vendedores que foram ontem com o jornal ao Porto. Os restantes, por terem ido a outras cidades, só regressam à manhã. Como sempre, contam maravilhas. Nem sempre as transmito por não ter tempo de as ouvir com atenção. Mas hoje estava disposto e escutei. E' difícil descrever; eles falam todos em alta voz e ao mesmo tempo. Contudo apurei que os senhores da Caixa do Preta tinham ido a Fátima e uma senhora que lá estava disse para que ele lá fosse na segunda-feira. Era o Malhado que trazia a notícia. Traduzindo, digo que por Caixa se entende a Caixa Sindical da Indústria Textil e por Preta o José Martins. Mais se acrescenta que os senhores ficam sem o número da venda por quanto à segunda feira, em nossas casas é dia de trabalho e o nosso trabalho não é vender o jornal.

*** Do grupo dos 6 destaca-se o Presidente, o qual me pede para dar uma ensaboadela nuns senhores da Brazileira; o termo ensaboadela é dele. A razão é que, segundo o Presidente, não sabiam nada da nossa Obra. Eu tive de lhes fazer um sermão e só depois é que os senhores souberam e encheram e deram-me um aperto de mão e compraram o jornal. Ora eu não posso dar ensaboadela; primeiramente por não saber a quem e segundo por não a merecer quem desconhece a nossa obra ou, até, quem diz mal dela. De resto, eu cuido que os senhores sabiam tudo de tudo, mas quiseram ter o prazer de ouvir o Presidente. Já assim tem acontecido.

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

Ou que as listas tenham acabado ou se tenham perdido, nem por isso deixam de chegar pedidos, agora em papel comum. Hoje mesmo recebemos uma pancada de nomes, da província de Angola.

As cartas de lá são mais quentes. O entusiasmo, maior. Eu também fervo pelo que vem nas cartas.

Os senhores leram com certeza a Crónica do Ultramar, feita por um dos nossos, o António Teles; vinha no último número. Vale a pena ler. O rapaz é um clarim. Ele faz sangue. Há ali um convite fervoroso à juventude: possuir, ocupar e depois, chamar nosso ao que o mapa diz sê-lo.

Os senhores querem saber uma coisa? Eu digo: um nosso amigo do Rio, mandou imprimir listas iguais às que em tempo se distribuíram; papel melhor, cores várias e para ser em tudo como nós somos, até lá vem o Impresso na Tipografia da Casa do Gaiato.

Mandou imprimir, sim, e, agora, giram pelos seus mais próximos. E' calor. E' zelo. E' um amor a uma causa de todos. Sendo inúmeros os portugueses que vivem no Brasil, espera-se uma boa resposta às listas assim distribuídas e eis porque se grita cada vez mais alto que vamos prós cinquenta mil

O Nosso Livro

O primeiro volume do Isto é a Casa do Gaiato, está escoado. Acabou. Continuam os pedidos, sim, mas após este aviso, espera-se que não. Nunca se viu na história do livro uma tamanha procura, com tanta alegria de ler e indulgencia nas faltas do expedir; nunca! Piolho tem dado conta, sem dúvida, mas fá-lo a seu modo, de forma que não é raro uma carta a dizer felicemente paguei o livro duas vezes; como ontem v' nha numa de Montemor-o-Novo! Como esta, por outras palavras, muitas dizem o mesmo. E todos nos perdoam!

É a vida do homem, que está em causa. Digo homem porque este sai da criança e o primeiro volume, ora exgotado, é carne e sangue dela, criança.

O segundo volume é precisamente da mesma natureza e vai ter a mesma sorte. O Júlio anda ocupado com a nona folha; vai a obra em mais de meio e espera-se que no fim do ano comecem as primeiras remessas. Piolho está atento. Ele já concluiu o ficheiro; cada um sua.

Toda a obra social aonde o rapaz é tratado humanamente, tem necessariamente de chamar a atenção dos homens. Eles foram rapazes!.. O que vem no livro, deu-se com eles. Seus filhos, h'je rapazes, fazem-nas identicas. Pela leitura, os pais amam e mais fá-limen e perdoam. Nunca se viu tal na história do livro!

PRECISA-SE

Um tecelão afinador que seja capaz de ensinar rapazes. Prefere-se um que tenha saído da Escola Industrial. Não basta saber; é preciso ser. A estação de Corte fica a dois passos da aldeia.

Notícias da Conferência da nossa Aldeia

É já neste mês. Está tudo preparadinho. Tudo. Portuense Rádio Clube, que os leitores nortenhos conhecem, abre de par em par os seus microfones para ser espalhada pelo eter a Voz do Pobre!

Os ouvintes que não têm jornais, ou por mil e uma causas apenas ouvem, na onda de Portuense Rádio Clube escutarão—sem fastio—a Palavra do Irmão que sofre na viela, que morre de fome. E de tes, quantos exércitos escondidos, inofensivos fisicamente à comunidade, sim, mas que são em parte a terrível condenação dos cúmplices—os gananciosos acumuladores? Estes, na verdade, são os maus navegantes, os provocadores do naufrágio que impacienta o espírito de cada um de nós.

Mais. Que valor moral tem um homem em ser grande e ter tudo materialmente, e egoicamente, enquanto nos barredos que visitamos, cheiramos, e vemos, se extingue carne da nossa carne? Ora aqui está.

Pois bem, leitores, se os planos não falharem, Portuense Rádio Clube levar-vos-á a casa, notícias dos nossos irmãos.

Agora queiram prestar atenção ao que recebemos. De alguém já conhecido, não por nome que nem isso traz, mas pela letra 20\$00 em cumprimento de uma promessa a Santa Filomena, por uma graça concedida, e em sinal de regosijo. Que maneira estupenda de satisfazer uma promessa. E' dinheiro que gira em benefício dos que precisam... Uma Sra. Doutora de Rio Tinto colabora conosco enviando-nos 100\$00.

Nós não publicamos nomes. Não é preciso. E' contra o Evangelho.

Por fim mais 100\$00 dos Açores. É da ilha Terceira. Pode ser que atrás deste venham outros. Que assim seja.

De Torres Novas 100\$00. Da Covilhã 25\$00 e é tudo o que nos veio ter às mãos.

J. M.

RECORDANDO

Era um dia de verão, cheio de sol, de luz, e de vida. Um desconhecido, de olhar triste e todo esfarrapado, caminhava vagarosamente.

Parava de vez em quando esse desconhecido, e olhava para trás, para o caminho andado. E caminhava, deixando em seu redor, os campos e os pinhais.

Sentia-se triste, sem ninguém que o quisesse. Era orfão de pai e mãe. Não tinha um naco de pão que mastigasse, e uma enxerga em que se deitar. Depois de algum tempo de caminho, assentou-se numa pedra e aí descansou alguns momentos, para de novo se pôr a andar. O desconhecido ia com destino. Para onde? Irmão já saber os amigos leitores. Já lá vão alguns anos e como me lembro! O destino do desconhecido era a CASA DO GAIATO em Paço de Sousa.

Vim cá duas vezes e voltei pelo mesmo caminho. Vim a terceira, e costumava-se dizer que a terceira é de vez e assim foi. Pedi para ficar e fiquei. Que contentel! Antes porém, quero dizer que deveria ter uns 14 anos quando saí dum asilo. Estive *asilado* até essa idade. Durante o tempo que assim estive fiz o exame do 2.º grau. Depois de ter feito o exame e chegar a essa idade, vem o azedo *vai-te embora*. Isso foi há uns 9 anos, hoje não sei se ainda é assim...

Quando cheguei à Aldeia dos Rapazes, trazia 12 tostões no bolso, que era da pedincha. Mas quando tomei contacto com a malta, eu era outro, tinham-me dado banho e roupa lavada.

A que respeito vem estas linhas? Não o sei dizer. Simplesmente recorro, porque recordar é viver. Sei que tive muita sorte. Se não estivesse hoje na Casa do Gaiato seria um infeliz, um homem sem a divisa da honra.

A passagem por este mundo é breve, muito breve, ajudemos pois o nosso próximo, os nossos irmãos pobres. Oh! tantos palácios luxuosos, com seus habitantes a viverem num mundo de prazer e de gozo. Um dia, serão chamados a contas. E que contas!... Eles serão os culpados dos pobres sem lar, sem carinho, sem uma ajuda. Façam o bem e não vejam a quem, pois por estes caminhos não passaremos outra vez.

Caía a tarde; o sol ia desaparecendo, espalhando os seus últimos reflexos rubros por detrás da montanha. As aves em voos rápidos recolhiam aos ninhos. Muito perto da Nossa Aldeia, o sino do Mosteiro tocou às Avé-Marias, espalhando no silêncio do fim da tarde, as suas notas ternas e suaves. E o desconhecido regosijando de alegria, pois já tinha pão para comer, roupa para se vestir, cama para se deitar, e forças para poder trabalhar, enfim, levar uma vida honesta e feliz, agradecia a Deus o bem concedido.

MANUEL PINTO

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL No dia 17 de Setembro fui eu mais o nosso chefe que se chama Rafael à casa do Gaiato de Paço de Sousa para assistirmos à inauguração de uma casa para os mais velhos que lá estão.

Nós partimos daqui às dez e meia e chegamos a Paço de Sousa às nove e um quarto da noite. Quando chegamos à aldeia veio logo ao nosso encontro, o Júlio II que é o chefe de lá, e nós perguntamos logo pelo Manuel Pedreiro. E o Júlio levou-nos logo ao quarto dele, e ele lá estava sentado e nós abraçamo-lo logo e ficamos todos contentes. E depois fomos ter com o sr. Padre Américo e com o sr. Engenheiro que estavam sentados nas escadas que estão à entrada da porta duma das casas. E eles perguntavam-nos como tínhamos vindo e nós contamos. Depois o Júlio mais o Manuel Pedreiro e o sr. Engenheiro levaram-nos à cozinha para a senhora de lá nos dar de comer porque nós íamos atrasados; quando acabamos de comer fomos deitar. No outro dia fomos dar uma volta à aldeia e gostamos muito, neste mesmo dia à noite foi feita inauguração da Casa 1, que é destinada aos maiores e antes de ser inaugurada houve uns discursos, que foram feitos pelos chefes de casa. E em seguida fomos ver a casa e por sinal é muito bonita cada quarto com uma cama nova, uma sala de jogos, com uma mesa de ping-pong, tudo muito bem arranjadinho. E para fechar a inauguração, comemos bolachas, e bebemos vinho doce, e tiramos um retrato em que ficou o grupo todo. Cada um ocupou o seu lugar e foi tudo dormir. E no dia seguinte eu mais o Rafael ao café e fomos à cozinha pedir à senhora lanche para partirmos para o Tojal, e partimos muito satisfeitos.

Era assim que nós precisávamos duma casa em Lisboa.

Enquanto a não arranjarmos, os rapazes vão começar a ir todos os dias a Lisboa para os empregos. Agora o que quero pedir aos senhores das fábricas, oficinas e casas comerciais é que nos abram as portas. Temos agora dez para arranjar emprego.

A mãe do Octávio escreveu para cá a pedir auxílio para pagar a renda da casa porque esteve desempregada e viu feita de a porer fora. O Octávio ficou triste mas teve depois um boa lembrança. Vendeu a filha da borrega que lhe tinham dado—a Octávia—por 180\$00 e assim livrou a mãe de dificuldades. Ainda ficou com a Octávia que está para ter nova cria para acudir a outra aflição.

O Pedro andou pelo norte a afinar balanças por conta da fábrica A. P. Quando chegou esteve umas poucas horas a contar o que por lá viu. O que mais admirou foi a camaradagem dos rapazes de Viseu. Mal ele lá chegou, logo o convidaram para ir ao clube deles que era dirigido por um Padre. Ficou encantado por ver os rapazes do futebol a ouvir missa junto ao altar-mor. Eram todos muito amigos e bons colegas e de bons costumes.

Mais um melhoramento foi inaugurado nesta casa. É um moinho. Tem duas pedras, uma para milho outra para trigo. O Preto todo se consola ao ver sair farinha na tulha.

RUI ALBERTO FERREIRA

LAR DO PORTO Começou a nova época escolar. Este ano temos mais três novos estudantes. São eles: o Chico das Pombas, o Récio da Murtosa e Carlos Veloso. Todos eles se mostram confiados nas suas possibilidades mentais. Vamos a ver.

Chegaram mais sete rapazes para o nosso Lar. Todos eles já estão empregados. O Moléstia anda no Hospital de Santo António a tirar o curso de enfermeiro. O Gari foi para uma padaria. O Récio, José Inácio, Machado, João Teixeira, e Tangerina todos para o comércio. Mais um passo em frente que estes rapazes deram na nossa Obra. Um emprego. Este é o sinal de confiança que o nosso Pai Américo deposita em nós. Este é também o sinal que abre um novo horizonte—um emprego.

Eu sei que o pedir constantemente se torna aborrecido. Mas os senhores devem compreender estas nossas insistências. Nós somos uma Obra pobre, que vivemos da vossa generosidade. Por isso aqui vai o que nós necessitamos para o Lar do Porto. Em primeiro lugar uma máquina de escrever. Este nosso pedido viria a beneficiar muito dos nossos rapazes que trabalham no comércio, pois poderiam praticar nas horas vagas. Outro pedido é de discos. Temos aparelho mas falta o principal. São os discos. O terceiro e último é o Chico das Pombas que o faz. Ele queria mais pombas. Mas, disse-me ele: no Bolhão estão muito caras. Ora aqui está o que nós necessitamos para o Lar do Porto. Como sempre confiamos.

Atenção ouvintes do Portuense Rádio Club. A conferência do Lar do Porto em colaboração com a de Paço de Sousa, querendo que acompanhem de perto a vida Vicentina destas duas casas, começarão este mês, a transmitir um programa. Portuense Rádio Clube que sempre tem estado ao nosso dispor, mais uma vez nos mostra que um dos seus ideais é trabalhar para aqueles que precisam.

Este programa será mensal. Falaremos dos nossos pobres, do que nos dão e do que precisamos. Será lido um artigo escrito pelo nosso Pai Américo, que se intitula: Barredo. Esperamos bom sucesso deste nosso programa.

CARLOS GONÇALVES

MIRANDA DO CORVO Foi feita há dias a colheita do nosso milho que deu muito trabalho porque o apanhamos já tarde. Também para isso tivemos de fazer uma eira que também deu trabalho. Muitas das vezes tivemos de fazer descamisada de noite para se adiantar o serviço. A colheita foi tão tarde que tivemos de alugar uma máquina de descamar para ser mais depressa. Mas mesmo assim andamos à broxa por causa da chuva que não nos deixava secar o milho até parecia que andava a brincar com a gente.

Começamos há dias a fazer casas para pobres que vão um pouco adiantadas. Por enquanto ainda só se principiou uma que fica situada no Montoiro mesmo pos detrás da capela quase pegada. Para já são precisas mais duas que se começam dentro em breve. Está resolvido que as casas serão só dos confrades; são eles quem hão-de fazer tudo menos o serviço de pedreiro. Também nestes dias foi lançada a primeira pedra para a casa em que assistiram e ajudaram o sr. Prior, o sr. Presidente da Câmara Municipal desta vila e outros srs. também de cá. Esperamos que agora isto marche mais depressa porque quanto mais depressa melhor para nós e para o pobre que for destinado a habitar a casa.

Também um dia destes compramos um boi para a lavoura porque as nossas terras vão aumentando e o boi que tínhamos está muito magro. E, por estas razões tivemos de comprar um boi que custou 3.750\$00. Agora andamos a tratar de semear a erva lameira porque o sr. Pe. Horácio disse que não comprava mais palha este ano e que os bois seriam alimentados a erva.

No dia 11 saíram daqui alguns gaiatos peregrinos da Fátima que foram quatro e que são os seguintes: Victor, Adélio que é o chefe, Gabriel e o Jorge. Foram acompanhados pelo sr. Pe. Horácio e pelo sr. Professor. Partiram daqui às nove e meia em direcção a Coimbra para se encontrarem com mais dois rapazes do Lar. Saíram depois no combóio da meia-noite e chegaram a Fátima pelas três e tal da madrugada em que foram a pé até Vila Nova de Ourém onde assistiram à missa e comungaram. Depois seguiram para Aljustrel onde visitaram os pais da Jacinta e do Francisco. Em seguida visitaram a Loba e as Valinhas e seguiram à Cova da Iria onde passearam e compraram algumas recordações de Fátima. Por fim foram pedir dormida à Mocidade Portuguesa que logo lhe deram. Saíram pela tarde e quando chegaram à estação já tinha dado a partida e tiveram de subir com o comboio em andamento. Mas dois que vinham atrás puseram-se a fazer troça e ficaram em terra que só chegaram no dia seguinte.

CARLOS MANUEL TRINDADE

COIMBRA Vem aí o inverno e nós não temos roupa de cama. É o queixume que nós ouvimos de todos os nossos pobres. Dentro do Solstício do inverno aparece-nos a linda quadra do Natal, o dia do Nascimento do Menino Jesus. Jesus nasceu num pobre curral. Ele não tinha roupa para o seu agasalho, mas tinha à sua cabeça uma vaquinha e um burrinho que lhe davam todo o calor, mas os nossos pobres não têm quem lhes dê o calor. Só o aconchego da roupa é que lhes fornece todo o calor. Como é triste ver aqueles pobres arrepiados de frio, com as mãos a tremer de frio e todo o corpo.

Espero que todos os nossos amigos não se esqueçam dos nossos pobres e que lhes dêem o consolo de passar uma noite de Natal feliz pois o Menino Jesus há-de agradecer-vos.

Mais 100\$ para a nossa pobre tuberculosa. Mais remédios e roupas que chegarão até nós.

Os 100\$ vieram de Peniche. Traz um rubisco por assinatura. Um senhor de Lisboa também se interessou pela pobre tuberculosa mandando-nos uns frascos de Calcium-Sandoz mediante a receita do médico. A roupa veio dirigida de Sepins de uma Senhora de nome Maria Luiza. Esta roupa era para os nossos pobres, mas já foi toda distribuída a alguns.

—Está prestes a fechar a Feira Popular de Coimbra. Eu não quero deixar passar esta ocasião sem agradecer a todos os Srs. organizadores, principalmente ao Sr. Dr. Calvet de Magalhães que nos proporcionou noites alegres.

Fomos bastantes vezes à outra margem do Mondego assistir a garraidas e cinemas. Uma vez fomos aos aviões. O Sr. Padre Joaquim Patela saíu de lá com o estômago aos tombos. O Sr. Padre Horácio dizia que ainda era pouco. Foi uma das noites melhores que lá passamos. Isto já se deu há bastante tempo, mas merece registo. Muito obrigado a todos estes senhores.

JOSE MARIA FERNANDES

PAÇO DE SOUSA Os batatas do Sejaquim, como dos mais anos, já têm que fazer para muito tempo. É a debulha do milho. A faina começa logo de manhã e vai até à noite. Cada qual toma o seu lugar juntinhos uns aos outros e toca a debulhar, ao som das cantigas que vão cantando. O Presidente é o chefe. A's vezes há pegas por causa das espigas milho-rei, e então Presidente desparta e fica tudo na mesma.

Na semana passada, uma porca deu uma grande ferradela na perna dum porco, que este ficou muito mal. O Sérgio foi ver e disse que era melhor a gente comê-lo, pois já não se salvava. Como ele era muito grande, deu muita carne, que nós nos temos regalado de comer.

Já terminaram as nossas vindimas. Na Sexta feira e no Sábado foram as das uvas pretas. Lo-

TRIBUNA DE COIMBRA

Já começamos a primeira casa para Pobres em Miranda. Fica juntinha da Capela do Montoiro, na estrada nacional para o Espinhal. A Capela e a casa fazem uma bela harmonia! O Pobre faz boa vizinhança à casa consagrada a Deus, porque sente-se mais perto d'Ele e sabe que foi Deus que lhe deu. A Capela é nova, airosa e com gosto. Assim deve ficar também a nossa casa.

O lançamento da primeira pedra foi um momento de emoção. O Sr. Prior e o Sr. Presidente da Câmara quiseram associar-se e rebolaram a pedra para o fundo e o presidente da nossa Conferência deitou foguetes. Estavam os nossos da Conferência e mais pe-soas que sonharam, pois não houve anúncios. O Pobre não quer paradas; quer justiça e mais nada.

A Câmara pôs à nossa disposição os terrenos baldios que possui. Assim compreende-se a razão de ser de um Município! O bem público, remediando os Pobres.

Nesta altura já se anda a fazer o desaterro para mais duas. Um senhor dá o terreno e dá as casas. De Coimbra veio um colchão; e de lá uma colcha e mais coisas; e de lá também três notas de vinte dentro dum envelope. E cinquenta num envelope com um ponto de interrogação. Deus sabe. E mais cinco. Fogo! Fogo a atear-se nas almas. Fogo que revolta! Bendita seja a revolução do Bem! Vinde ver e chorar conosco e erguer as mãos com o Pobre e todos juntos bendizermos o Senhor das Misericórdias.

—Quem passasse no dia 24 pelos arredores da nossa casa de Miranda havia de notar grande romaria; era a nossa vindima. Era a festa a coroar o amor deles por aquilo que é seu. Cada um com sua faca ou outra coisa, seu puleiro, seu cesto ou vários com um, cantigas ao desafio, foguetes (alegria dos novos e dos velhos), *uvas até fartar*.

É a alegria a louvar tanto esforço ao passar rentinhos às uvas sem lhes tocar.

A criança é um grande abismo e quem se abismar encontra nela um grande tesouro.

Qual a instituição de educação onde a criança faça assim prodígios? Toda aquela onde não haja directores, nem proprietários, nem administradores nem fiscais, nem polícias, nem ameaças nem castigos, nem ninguém, nem nada. Nas nossas casas tudo é deles, para eles e por eles. Aqui está o segredo. É a liberdade, a responsabilidade, o estímulo, o brio.

Peçamos à criança aquilo que ela pode dar, pois não há ninguém mais generoso do que ela, quando se sente amada.

Um senhor, de visita à nossa casa, andou propositadamente a observar todas as videiras e não vi nenhum bago depenicado. Só passados dias ele mo disse. É o testemunho. É a nossa cartilha.

—Ainda todos se recordam de se pedir aqui pano para fazer colchas para as nossas camas, pois já estão muito rolinhas, como afirmou quem cá veio ver.

Como todos leram, mas poucos entenderam e menos atenderam, eu fui a um armazém de Coimbra e escolhi e peguei numa peça grande e linda. Quando cheguei à ala de costura foi uma festa. Tinha mil utilidades!

Mas não teve, porque no outro dia foi um aqui-del-rei na dita sala e eu fui chamado à pressa. O que seria? Ora o que havia de ter sido. Foi o Lita costureiro quando passava a dita a ferro queimou-a toda e acabou. Eu calei-me. Isto é a Casa do Gaiato.

PADRE HORÁCIO

go de manhã começou a azáfama. Eram escadas escadotes e facas e canivetes. Por fim lá foi tudo avenida abaixo e toca a vindimar. A' tarde veio a merenda que era muito boa e apetitosa.

Depois recomeçou outra vez a faina até tocar para comer. A' noite os maiores foram pisar o vinho com os pés, que é à moda do Douro. Houve também rabelada e o Sérgio foi o mestre a tocar concertina. Por fim lá foi tudo dormir e sonhar com a vindima do próximo ano.

Para os senhores ficarem a saber; este ano tivemos 16 pipas de vinho tinto e 10 de vinho branco.

O Sejaquim já andou a ensaiar os componentes do orleão. É que estão a chegar as festas e ele quer estar prevenido. Para Novembro devemos ir a Guimarães e talvez a Aveiro. O Sejaquim também quer arranjar uma festa no Natal e para isso já anda a distribuir os papeis para na altura não haver azar.

Este ano as aulas estão pouco concorridas, pelo motivo da maior parte dos nossos rapazes já terem feito exame. Na 4.ª classe há 25 rapazes e é professor o sr. Nunes. Na 3.ª, estão 36 e é professor o sr. Arlindo. O sr. Madureira também dá aulas à noite para os maiores.

O Botas tem uma galinha na cozinha a chocar com 16 ovos. 8 já são pintainhos, vamos a ver se os outros vingam.

FERNANDO MARQUES